
EDUCAÇÃO FÍSICA

LAYON APARECIDO DIAS

**AS CONSEQUÊNCIAS DO BULLYING PARA A
PRÁTICA ESPORTIVA**



Rio Claro- SP

2021

LAYON APARECIDO DIAS

AS CONSEQUÊNCIAS DO BULLYING PARA A PRÁTICA
ESPORTIVA

Orientador: Afonso Antonio Machado

Co-orientador: Kauan Galvão Morão

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de Bacharel em Educação Física.

Rio Claro- SP

2021

D541c	<p>Dias, Layon Aparecido</p> <p>As conseqüências do bullying para a prática esportiva / Layon Aparecido Dias. -- Rio Claro, 2021</p> <p>49 f.</p> <p>Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Educação Física) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro</p> <p>Orientador: Afonso Antonio Machado</p> <p>Coorientador: Kauan Galvão Morão</p> <p>1. Esportes Aspectos psicológicos. 2. Violência nos esportes. 3. Bullying. 4. Educação moral. I. Título.</p>
-------	---

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

AS CONSEQUÊNCIAS DO BULLYING PARA A PRÁTICA ESPORTIVA

RESUMO

O bullying é um comportamento social muito cruel que busca atingir as pessoas com o objetivo de intimidá-las e maltratá-las, tornando-as alvo de agressões físicas e/ou psicológicas. O bullying se faz presente em diversos âmbitos da nossa sociedade, visto que geralmente ele ocorre em ambientes com um grande convívio de pessoas, como escolas, ambiente de trabalho, redes sociais, clubes, áreas de lazer, academias, na prática esportiva, entre outros ambientes. Com essa vasta gama de âmbitos, se faz necessária a compreensão desse fenômeno nesses diferentes meios. Sendo assim, este trabalho possui como objetivo compreender quais são as consequências do bullying no meio da prática esportiva e o papel do professor de educação física, do treinador e do psicólogo do esporte perante esse fenômeno. Para tanto, foi feita uma pesquisa bibliográfica e documental através de artigos científicos, revistas, jornais, sites da web, monografias, teses, livros e reportagens, que foram analisados por bloco de conteúdo e deram embasamento para o trabalho. Concluindo-se assim que o âmbito esportivo é um ambiente propício para o surgimento da prática do bullying, e esta pode trazer consequências severas como o abandono da prática esportiva, podendo levar o indivíduo ao sedentarismo, assim se faz importante a atuação dos professores de educação física, dos treinadores e dos psicólogos do esporte que serão responsáveis por prevenir e intervir frente ao bullying na esfera esportiva. Contudo há poucos estudos que abordam o tema no ambiente esportivo se fazendo necessário a produção de mais conteúdo, para servir de suporte para que esses profissionais lidem da melhor maneira frente a esse mal que assola a nossa sociedade.

Palavras-chave: Bullying; Prática esportiva; Professor de Educação Física; Treinador; Psicólogo do Esporte.

THE CONSEQUENCES OF BULLYING FOR SPORTS PRACTICE

ABSTRACT

Bullying is a very cruel social behavior that seeks to reach people in order to intimidate and mistreat them, making them the target of physical and / or psychological aggression. Bullying is present in different areas of our society, since it usually occurs in environments with a great deal of people, such as schools, workplaces, social networks, clubs, leisure areas, gyms, in sports, among others. environments. With this wide range of areas, it is necessary to understand this phenomenon in these different environments. Therefore, this work aims to understand what are the consequences of bullying in the midst of sports practice and the role of the physical education teacher, coach and sports psychologist in the face of this phenomenon. To this end, a bibliographic and documentary research was carried out through scientific articles, magazines, newspapers, websites, monographs, theses, books and reports, which were analyzed by content block and provided a basis for the work. Therefore, concluding that the sports environment is a favorable environment for the emergence of bullying, and this can bring severe consequences such as the abandonment of sports practice, which can lead the individual to a sedentary lifestyle, thus the role of education teachers is important. physics, coaches and sports psychologists who will be responsible for preventing and intervening in the face of bullying in the sports sphere. However, there are few studies that address the theme in the sports environment, making it necessary to produce more content, to serve as a support for these professionals to deal in the best way in the face of this evil that plagues our society.

Keywords: Bullying; Sports practice; Physical education teacher; Trainer; Sport Psychologist

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	5
2.	OBJETIVOS.....	10
3.	JUSTIFICATIVA	11
4.	HIPÓTESE	12
5.	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	13
6.	REVISÃO DE LITERATURA	14
	6.1 Fenômeno Bullying: Conceito e exemplificação.....	14
	6.2 Como se desenvolve o bullying no esporte.	22
	6.3 Consequências do bullying no esporte	29
	6.4 Estratégias de intervenções relacionadas a prática do bullying.....	32
	6.4.1 Intervenção no bullying escolar.....	32
	6.4.2 Intervenção nas aulas de educação física escolar.....	36
	6.4.3 Intervenção no esporte extra escolar	39
7.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
	Referências	46

1. INTRODUÇÃO

O bullying é um fenômeno social que vêm se destacando cada vez mais nos últimos anos, porém é um fenômeno antigo. Segundo Leite (2011) o termo Bully tem sua tradução literal para o português como ato de amedrontar, ameaçar, intimidar, entre outros sinônimos e que o norueguês Dan Olweus, por volta da década de 80, foi um dos primeiros a pesquisar esse fenômeno, sendo que sua pesquisa permitiu que se estabelecessem critérios para se identificar o bullying. Contudo o bullying só começou a ser tratado como um assunto mundial por volta de 2011, com o avanço das mídias sociais e também com o avanço das pesquisas sobre esse fenômeno. No Brasil o aparecimento do termo bullying, para conhecimento geral da população, é tão recente que somente em novembro de 2015 foi aprovada uma lei federal (Lei Nº 13.185, de 6 de novembro de 2015) que versa sobre a prática de bullying, dizendo que:

No contexto e para os fins desta Lei, considera-se intimidação sistemática (bullying) todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas (Brasil, 2015, online).

De acordo com a visão de Fante (2005, p.29) o termo bullying pode ser definido como, “Um comportamento cruel, intrínseco nas relações interpessoais, em que os mais fortes convertem os mais frágeis em objetos de diversão e prazer, através de brincadeiras que disfarçam o propósito de maltratar e intimidar”. Um comportamento atroz que busca atingir as pessoas, tornando-as alvo de diversas agressões tanto psicológicas quanto físicas.

Recentemente, por conta do avanço das tecnologias e das mídias sociais, a população em geral está lidando com um novo tipo de bullying, o cyberbullying. Segundo Del Peral e Navarro (2015), o cyberbullying é resultado de uma série de avanços tecnológicos e intensificação do uso das redes sociais, é o bullying realizado no ambiente virtual, que possui como característica principal a ocorrência

do bullying por meio de aparatos tecnológicos, facilitando a propagação do conteúdo.

Abordando a prática do cyberbullying, segundo Hernández Prados e Solano (2007) e Morão e Verzani (2015) ele pode ser praticado através de um ato que se inicia em um ambiente não virtual, sendo assim reproduzido posteriormente no meio virtual; também pode ser praticado mesmo sem ter tido nenhuma agressão no meio físico, fazendo-se apenas o emprego da tecnologia para atingir uma pessoa ou algum grupo em especial.

Falando um pouco mais sobre os ambientes em que o bullying é praticado, um ambiente logo vem à cabeça: o ambiente escolar. De fato, é um ambiente muito propício à prática do bullying. Segundo o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (OECD, 2018), três em cada dez estudantes de 15 anos é vítima frequente de bullying, porém existem outros locais em que o bullying pode ser praticado, visto que esse fenômeno, de forma geral, acontece em ambientes de grande convívio de pessoas como é de fato o ambiente escolar, mas também o ambiente de trabalho, áreas de lazer, clubes, academias, asilo de idosos, na própria família, nas redes sociais como já citado (cyberbullying) e também nos esportes.

O bullying praticado no âmbito esportivo, bullying esportivo, pode ser considerado o bullying praticado contra atletas tanto profissionais como recreacionais e praticantes de atividade física. O âmbito esportivo é um grande potencializador para esse fenômeno, visto que o indivíduo que pratica um esporte se expõe na frente dos outros, correndo o risco de sofrer julgamentos, críticas e gozações dependendo da sua maneira de se portar. De acordo com Morão et al (2014), os esportes coletivos são onde mais se evidencia a prática do bullying esportivo, sendo que as agressões podem vir tanto dos adversários como também dos atletas da mesma equipe, muito por conta da diferença entre eles podendo haver formação de pequenos grupos onde um grupo pode excluir o outro. Sob a perspectiva do bullying praticado entre os atletas de mesma equipe, pode-se notar que eles vivem em um ambiente de grande convívio de atletas, tendo contato direto entre eles diariamente, tanto nos jogos como nos treinamentos. Nesse convívio podem aparecer diversos fatores para que se iniciem a prática do bullying.

O fato do esporte ser uma atividade física muito competitiva pode vir a trazer uma certa rivalidade entre os atletas, uma disputa interna de quem é o melhor, podendo assim gerar conflitos e circunstâncias de violência. Outro fator são as ditas

“panelinhas” termo muito usado no futebol para caracterizar grupos de mais afinidade, os atletas que não se encaixam nessas “panelas” podem vir a ser excluídos e ser vítimas de bullying desses grupos, também pode vir sofrer bullying aqueles atletas menos habilidosos em relação aos outros do grupo, atletas que têm alguma característica física ou personalidade diferente dos demais e apesar da grande luta do movimento LGBTQI+ pela igualdade de gênero, atletas homossexuais ainda sofrem muito preconceito tanto em relação aos companheiros de equipe como com a própria torcida.

O bullying esportivo também pode vir a aparecer no meio externo, como é o caso das torcidas, já que o fanatismo das torcidas ocasiona uma série de críticas aos atletas caso o resultado não seja esperado, o problema é que, muitas vezes, essas críticas ultrapassam os limites e acabam ferindo os atletas e isso está sendo potencializado cada vez mais com a evolução das mídias sociais, onde a torcida consegue ter um contato direto com os atletas e deferir mensagens de ódio aos mesmos.

O fenômeno bullying no âmbito esportivo é um assunto muito sério e que pode trazer diversas consequências para o atleta, além das principais causas do bullying propriamente dito, que vão desde traumas psicológicos que percorrem a vida inteira de um indivíduo à quadros de baixa autoestima, ansiedade, depressão e em quadros mais graves até suicídio, o bullying esportivo também pode vir trazer a desistência do esporte praticado e até o sedentarismo.

É fato que muitas pessoas não praticam hoje atividade física, por que no passado tiveram alguma decepção ou até frustração quando não obtiveram resultados esperados ou até por vergonha de se expor, essa aversão a atividade física vem desde a atividade física escolar, onde o professor desavisado, não conduziu muito bem as suas aulas. É muito comum pessoas que estão com sobrepeso ou muito magras, tímidas, desajeitadas, que tem pouca habilidade motora ou aptidão física serem vítimas de gozação, humilhação e são deixadas de lado e adquirem aversão a atividade física. (FARAH, 2019, em entrevista à rádio USP).

Por conta dessas consequências, se faz muito importante o papel do professor de educação física, acima de tudo no âmbito esportivo escolar, do treinador e do psicólogo do esporte no âmbito esportivo fora da escola. A atuação do professor de educação física nas escolas para o combate ao bullying é de grande importância, visto que é um ambiente muito propício para a prática do bullying e,

também, por conta da fase escolar ser o melhor momento para se conscientizar os alunos, já que é uma fase de formação de personalidade e de cidadãos, o aprendizado que os alunos têm na escola é o que eles vão levar para o resto da vida, por isso a importância de formar cidadãos que respeitem o próximo e que não pratiquem bullying para que esse fenômeno seja erradicado da sociedade.

Segundo Betti e Zuliani (2002), o professor de educação física escolar possui o papel de formar cidadãos, ele precisa introduzir e integrar o aluno na cultura corporal do movimento de forma plena, ou seja, as aulas de educação física não são apenas para aprender habilidades motoras, desenvolver capacidades físicas, fundamentos técnicos e táticos de um esporte; também precisa ser aprendido a organizar-se socialmente para praticar o esporte, compreender as regras para que seja possível praticar o jogo, mas é de suma importância que os alunos aprendam respeitar os adversários como um companheiro e não um inimigo.

No contexto esportivo, a atuação do psicólogo do esporte é de grande importância, acima de tudo para atletas que têm algum distúrbio emocional. A prática esportiva é muito mais que conhecimento técnico, tático e preparação física, sendo preciso que o atleta também treine a psique. Atletas, principalmente de alto nível, passam por muitas situações de estresse durante a prática e aqueles que não possuem uma boa preparação dos aspectos que envolvem a prática esportiva acabam tendo uma performance abaixo do esperado.

Segundo Lavoura e Machado (2006) o psicólogo do esporte procura entender as alterações emocionais dos atletas e traçar estratégias para que o mesmo possa lidar com essas questões emocionais, isto tudo com o objetivo de manutenção ou até evolução do rendimento dos atletas. Sendo assim, o psicólogo do esporte pode atuar de forma direta em casos de bullying esportivo, amenizando ou até prevenindo algumas consequências que o bullying esportivo pode vir trazer ao atleta.

Portanto, é notório dizer que as consequências do bullying permeia diversos âmbitos, tendo uma grande ação no ambiente esportivo que é uma esfera muito favorável para o aparecimento desse fenômeno, por conta da competitividade, necessidade de alta performance, alto nível de exposição, entre outros fatores. Para atenuar as consequências desse fenômeno é de suma importância a atuação do profissional de educação física, do psicólogo do esporte e também de pesquisas e estudos relacionados a esse fenômeno. Sendo assim, este trabalho busca através de uma pesquisa bibliográfica (indo a campo por meio de documentos que tratem

desse fenômeno) trazer uma contextualização, uma discussão e uma reflexão sobre as consequências que o bullying traz para a prática esportiva.

2. OBJETIVOS

Este trabalho possui como objetivo analisar e compreender as consequências do bullying no âmbito esportivo e a atuação do professor de educação física, do treinador e do psicólogo do esporte perante esse fenômeno.

3. JUSTIFICATIVA

O bullying é um fenômeno social que pode vir a trazer diversas consequências aos indivíduos (tanto psicológicas, quanto físicas). O esporte, principalmente no âmbito competitivo, é um exercício físico cujos principais aspectos que o norteiam é a alta performance e a obtenção de ótimos resultados, por isso, muitas vezes atletas que não possuem aptidão para esses aspectos podem vir a sofrer bullying. Esses atletas podem ser vítimas de seus companheiros de equipe, no caso de um esporte coletivo, de seus amigos pessoais, da torcida, em raros casos até do próprio técnico.

Esse fenômeno é muito prejudicial para o esporte, pois pode causar sérias consequências para os atletas, como baixa autoestima, perda da confiança, quadros de ansiedade, medo, insegurança e, em casos mais graves, pode causar a desistência da prática esportiva, fazendo com que eles percam o interesse de praticar o esporte tanto de forma competitiva, como também de forma recreacional, já que o bullying pode vir a afetar o psicológico desses atletas, permitindo que eles pensem que não são mais aptos a praticar o esporte em questão.

Por conta dessas questões, é muito importante analisar esse fenômeno no âmbito esportivo, já que a maioria dos estudos são voltados para o âmbito escolar, se fazendo importante, também, compreender a atuação do profissional de educação física, do treinador e do psicólogo do esporte frente ao bullying esportivo.

4. HIPÓTESE

Parte-se da hipótese de que o bullying é um fenômeno que pode acarretar em sérias consequências para os indivíduos envolvidos com ele, incluindo aqueles atletas que o vivenciam no âmbito esportivo, podendo implicar em consequências que vão desde prejudicar o rendimento do atleta no esporte a ocasionar a sua desistência do mesmo.

5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho foi realizado por meio de uma pesquisa de revisão bibliográfica e documental. Para a sua realização foi feito uma compilação de pesquisa bibliográfica, abarcando diversas fontes tais como livros, artigos científicos, legislações, sites da web, reportagens, teses, monografias, revistas, entrevistas, vídeos e afins. Vale ressaltar que na busca dos materiais científicos, foram utilizadas plataformas de pesquisa como SciELO, LILACS, PubMed e Google Acadêmico.

Após a etapa descrita anteriormente, por meio do fichamento dos documentos pesquisados e coletados foi feito um levantamento bibliográfico dos pontos mais relevantes do bullying na prática esportiva e da atuação do professor de educação física, do treinador e do psicólogo do esporte frente ao bullying. Em seguida, fez-se uma análise crítica sobre os autores elencados, excluindo aqueles materiais que não contribuíram para o trabalho.

Feito a compilação bibliográfica iniciou-se a redação do trabalho, cruzando informações dos diversos autores obtidos na pesquisa e discutindo o tema de forma plena para dar embasamento ao trabalho, contextualizando os diversos cenários em que o bullying pode ocorrer, traçando relações com a sociedade atual e ilustrando por meio de exemplos o que pode ocorrer, bem como levantando possíveis intervenções a serem feitas.

6. REVISÃO DE LITERATURA

O bullying é um fenômeno presente em nossa sociedade que atinge ou já atingiu diversas pessoas. Esse fenômeno, na maioria das vezes, começa a ser observado inicialmente nas escolas, contudo tem o poder de se manifestar em diferentes âmbitos, precisando somente conter relações interpessoais em um nicho para que ele possa se fazer presente. Assim, neste trabalho será abordado o fenômeno bullying e toda a sua problemática, visando observar, principalmente, o que a literatura nos traz sobre as suas consequências e estratégias de intervenção no âmbito esportivo, entendendo melhor também o papel do professor de educação física, do treinador e do psicólogo do esporte frente a esse mal.

6.1 Fenômeno Bullying: Conceito e exemplificação.

Bullying é uma palavra de origem inglesa, derivada do termo Bully, que traduzido para o português significa valentão, tirano, se utilizada como verbo tem como sentido o ato de brutalizar, amedrontar. A palavra Bullying se refere ao ato de ter comportamentos agressivos e antiéticos com outras pessoas, muitos países aderiram esta palavra em seu vocabulário para definir a conduta de tratar uma pessoa mal e colocá-la em situações estressantes (FANTE, 2005).

Nas últimas décadas, o bullying tem sido objeto de estudo e de muita investigação, fazendo com que a sociedade olhe com mais afinco para as suas consequências que podem ser danosas. Por conta disso, o bullying é visto como um fenômeno novo, porém, na verdade ele é um fenômeno antigo que apenas passou a ser olhado com uma ótica diferente nos tempos atuais, sendo o bullying um tipo de cólera que sempre existiu em nossa sociedade, principalmente, de forma mais contundente nas escolas.

Um dos primeiros pesquisadores do fenômeno bullying foi o norueguês Dan Olweus, definindo o bullying como uma subclasse de comportamentos agressivos que consistem em agressões repetitivas perante um desequilíbrio de poder entre a vítima e o agressor (OLWEUS, 1993). Contudo, Fante (2005) fala que esta definição mesmo sendo muito empregada não é bem aceita universalmente, por conta de alguns pesquisadores considerarem necessário ao menos 3 ataques contra a mesma vítima ao longo de um ano para ser considerado bullying, trazendo que o

desiquilíbrio de poder é caracterizado pelo fato da vítima não conseguir se defender, devido aos fatores físicos como a estatura, força física ou por conta de fatores emocionais, possuindo pouca flexibilidade psicológica perante o agressor.

Para Morão e Verzani (2015) devemos olhar com certo cuidado para o fenômeno bullying, precisando entender que para um ato ser considerado bullying, parte da vítima ter se sentido agredida, maltratada e intimidada. Um simples apelido que algum indivíduo tenha, não se caracteriza bullying desde que não haja uma intenção negativa por trás do apelido.

Lopes Neto e Saavedra (2003) caracterizam o Bullying em dois tipos de ações, as diretas e as indiretas. As diretas consistem em agressões físicas e verbais (xingar, chutar, bater, insultar e etc.), enquanto as ações indiretas são as ações emocionais que possuem o objetivo de excluir, discriminar o indivíduo, ao passo que disseminam histórias maldosas para conseguir este feito.

Sobre os indivíduos que estão envolvidos com o fenômeno do bullying diretamente, Botelho e Souza (2007), trazem uma classificação com 4 categorias de pessoas que são descritos a seguir:

- A primeira categoria são os **alvos**, ou seja, as vítimas propriamente ditas, geralmente essas pessoas são inseguras, antissociais, não dispõem de recursos ou status e não costumam reagir às agressões.
- A segunda categoria são os **alvos/autores**, elas são vítimas, mas também são agressoras, essas pessoas em determinado momento estão sofrendo bullying e em outro momento estão praticando com outra pessoa. Esses indivíduos sofreram tanto com a situação de vítima que acabam transferindo as agressões para outros indivíduos mais vulneráveis.
- A terceira categoria é a dos **agressores**, são os indivíduos que só praticam o bullying, geralmente eles são mais fortes, que outros indivíduos e assumem papel de liderança em um grupo específico, fato que lhes dão vantagens em relação aos outros indivíduos com relação a esportes, brincadeiras e lutas, é muito comum também observar que esses agressores pertencem a famílias desestruturadas e com pouco relacionamento afetivo, seus pais acabam tendo atitudes agressivas em casa o que acaba servindo como modelo.

- A quarta e última categoria é a das **testemunhas** ou espectadores, esses indivíduos nem sofrem nem praticam o bullying, mas estão inseridos nos ambientes em que essas práticas acontecem, é comum essas pessoas não se envolverem e ficarem caladas com o ocorrido, por medo de virar alvo. Muitas vezes são os espectadores que dão combustível para que as agressões continuem, através da risada perante o sofrimento da vítima os autores se sentem estimulados a continuar com a violência.

Ao comparar a prática de bullying com relação ao gênero, é indagado em qual gênero é observado a maior predominância desse fenômeno, sendo que a literatura sugere que este tipo de violência é mais observado no sexo masculino, tanto como vítima, quanto como agressor. Contudo, Ballone (2005) afirma que, ainda sim, há a presença desse tipo de violência no sexo feminino, porém ele aparece mais em forma de exclusão e difamação. Sendo assim, no sexo feminino é predominante a ação indireta do bullying, uma prática mais difícil de ser detectado pelos professores ou pessoas que estão em volta, já que não tem uma agressão direta a vítima, porém é tão quanto prejudicial.

Portanto, o bullying é um ato de violência que não se confunde com outros diferentes atos de agressão, sendo muito específico e bem definido, possuindo como característica a incapacidade da vítima de se defender, a incapacidade da vítima de pedir ajuda para que outros a defendam e apresentando como objetivo atacar e machucar a vítima, tanto fisicamente, quanto psicologicamente, tudo isso podendo ocorrer em qualquer lugar que haja relações interpessoais entre indivíduos. Aliado a isso, uma das características principais desse ato de violência é o fato dela causar diversos traumas a psique de suas vítimas, traumas esses, muitas vezes, irreversíveis.

Como já dito anteriormente, o bullying pode ocorrer em qualquer lugar que haja relações interpessoais. Esse tipo de violência é mais conhecido por conta da sua prática nas escolas, porém ela também pode ser vista via internet, sendo conhecida como cyberbullying, podendo ocorrer, também, durante uma prática esportiva.

Com as novas tecnologias e as redes sociais virtuais sendo cada vez mais utilizadas na vida moderna, a facilidade de se comunicar por meio de aplicativos, a

sensação de anonimato e, também, a velocidade que as informações se disseminam pode-se observar um novo tipo de violência atrelado ao bullying, como citado anteriormente, o cyberbullying. A definição de cyberbullying é muito semelhante à definição do bullying propriamente dito. Segundo Juvonen e Gross (2008), o cyberbullying é o ato de assediar, ameaçar, constranger, humilhar e outras formas de agredir, tudo isso se valendo das ferramentas tecnológicas para consumir os atos de violência. Assim sendo, o cyberbullying pode ser definido como o bullying que é realizado por meio da internet (no âmbito virtual).

Morão e Verzani (2015) afirmam que é importante destacar a atuação direta e indireta dos espectadores em relação ao cyberbullying, dividindo os espectadores em ativos e passivos, sendo que os ativos são aqueles que tomam alguma atitude, podendo ser positiva como o fato de denunciar algum comentário, postagem e afins, ou uma atitude negativa, implicando no compartilhamento do conteúdo negativo pelas redes; já os passivos são aqueles que veem o cyberbullying acontecendo em sua tela e não tomam atitude alguma. Assim sendo, observando as ações dos espectadores, é notório dizer que eles têm uma função crucial perante essa violência, podendo a alimentar ainda mais com a propagação da violência através do compartilhamento ou encerrar de vez este ato, denunciando algum comentário ou postagem para que a rede social em questão tome as providências adequadas perante ao agressor.

Um outro local em que existe uma grande interação entre pessoas havendo a presença do fenômeno bullying é no esporte. Mesmo o esporte trazendo, em sua prática, resultados positivos para o âmbito social e da saúde de um indivíduo, ele pode também ser um grande potencializador do fenômeno bullying, por conta do seu alto nível de competitividade e alto nível de exposição, desencadeando uma série de comparações entre os atletas/alunos sobre quem é o melhor ou o pior, sendo que aquele que é o melhor possui grandes chances de ser o líder do grupo e, conseqüentemente, excluir e maltratar aqueles que são os piores do grupo.

Anjos e Souza (2018) relatam que apesar de o esporte, quando bem orientado, proporcionar o desenvolvimento de comportamentos pró sociais como respeito ao próximo, fair play, tolerância a frustrações e etc. há muitos profissionais da área da educação física que relatam ocorrer atos de bullying em suas aulas/treinos, isso ocorre, segundo as autoras, geralmente por conta da competição,

da exigência de um repertório motor adequado para a prática da atividade e pela falta de competência dos professores perante o trato de seus alunos.

O ato do bullying esportivo pode ser prejudicial ao indivíduo, já que pode levar a pessoa a adquirir repulsa a prática de exercícios físicos, pois apresenta traumas e, conseqüentemente, medo de que ao voltar a praticar algum outro exercício físico ocorrerá novamente toda aquela violência que uma vez já passou. Assim, a pessoa pode se sentir inapta a realizar qualquer prática corporal, por já ter sido julgada pela sua característica física ou pela sua falta de habilidade em realizar alguma atividade proposta. Hoje, é sabido que a prática de exercícios físicos proporciona vários benefícios para a saúde, sendo um dos principais vetores de prevenção de diversas doenças.

Para Paes, Marins e Andreazzi (2015) a prática de exercício físico ajuda no desenvolvimento de consciência corporal, aumento de força, ganho de massa magra esquelética, resistência cardiorrespiratória, aumento da circulação sanguínea e fortalecimento dos músculos. Portanto, caso um indivíduo adquira aversão a prática de exercícios físicos por conta do bullying sofrido, o mesmo poderá obter doenças provenientes ao sedentarismo como obesidade, hipertensão, diabetes, dentre outras enfermidades que podem ser prevenidas com a prática de exercício físico.

O bullying está bem mais presente na sociedade do que muitos imaginam, há diversos casos que são expostos na mídia que exemplificam muito bem o que as crianças e adolescentes sofrem cotidianamente. A título de exemplificação serão elencados alguns casos reais apresentados pela mídia/literatura sobre o bullying propriamente dito.

O primeiro caso é do atleta renomado Diego Hypolito, medalhista olímpico brasileiro de ginástica, que em entrevista dada a Assis (2018), afirmou ter sofrido bullying quando era criança e treinava em uma equipe do Rio de Janeiro. O atleta diz que sofreu opressão tanto de seus colegas de equipe quanto de seus treinadores, que as agressões eram regulares e constrangedoras, ocorriam durante campeonatos nacionais com o consentimento dos treinadores. Hypolito cita um caso específico que ocorreu quando tinha de 10 para 11 anos de idade em um campeonato Brasileiro em Ribeirão Preto (SP), segue o relato do atleta:

[...] eles me faziam ficar pelado, e pegar com o ânus uma pilha colocando uma pasta de dente em cima e a questão da humilhação.

E, neste dia, quando aconteceu isso, eu tive ataque epilético e, depois, por ter tido o ataque epilético, eu não consegui fazer a prova toda (...) depois a gente tinha de colocar ainda com o ânus, não podia ajudar com a mão, você tinha de se agachar, pegar a pilha com o ânus e depois deixar dentro de um tênis, num burquinho de um tênis. E, depois, (...) se a pilha caísse fora, você tinha de voltar e fazer a prova de novo. Eu fiquei muito nervoso com a situação acontecendo, me deu desespero. (ASSIS, 2018, Online).

O atleta também relatou outra forma de agressão que sofria quando garoto, porém, dessa vez, vinda dos técnicos, que puniam erros com asfixiamento em tampas de plintos, o que gerou traumas irreversíveis para Diego, segue o relato:

Quando a gente não treinava certo ou acontecia alguma coisa errada, tinha períodos do ano que eles (técnicos) faziam isso de pegar e colocar a gente dentro de uma tampa de plinto. E ainda jogavam magnésio com a gente dentro, igual a um caixão. (...) hoje eu tenho problema pra entrar em avião, que é fechado, elevador, que é fechado. Não consigo entrar em túnel, que eu tenho medo. São todos reflexos do que eu vivi quando eu era criança e que eu jamais imaginei (..) nunca contei pros meus pais. A sensação de estar preso numa caixa de plinto, com alguém sentado em cima da caixa, pra você não poder sair de lá, preso, e ainda jogar magnésio e asfixiar, que é a sensação que eu tenho. É. A gente precisa, para um mundo melhor, expor isso. (...) eu tenho certeza de que vou ser muito julgado por eu estar contando a verdade, de coisas que aconteceram comigo (...) espero que, daqui pra frente, nunca mais essas coisas voltem a acontecer. (ASSIS, 2018, Online).

Em sua fala, é nítido observar a forma de opressão que o atleta sofreu, os traumas que isso causou, o medo de expor tudo e ser julgado, o medo de contar para seus pais e ele sofrer alguma outra opressão mais severa e o fato dele ter sofrido essas agressões regularmente caracteriza um caso de bullying comum no esporte, os autores se divertindo com a vexação sofrida pela vítima e a punição desumana dos treinadores por um erro cometido que pode vir a gerar traumas que perduram a vida toda, como foi o caso de Diego.

O segundo caso exemplifica bem como funciona o cyberbullying, violência que atinge diversos atletas que têm uma grande exposição, muitas vezes, expostos em rede nacional, tendo uma grande expectativa de vitória sobre deles, gerando alto nível de pressão. Contudo, atletas de alto rendimento são treinados para suportarem esses níveis de pressão, mas como são humanos estão suscetíveis a erros, erros esses que podem causar alguma derrota frustrante, tanto para os atletas, como para a torcida. É nesse ponto que os ataques via redes sociais virtuais podem acontecer,

por ser um meio de rápido e fácil acesso, confortável para as pessoas tecerem sua fúria por conta da sensação de anonimato e a um clique de atingir suas vítimas que geralmente são atletas.

É válido lembrar que críticas sempre são bem vindas a atletas de alto nível, que treinam e se capacitam para errar o mínimo possível, que absorvem essas críticas para melhorar cada vez mais, o problema está quando essas críticas ultrapassam os limites e passam a apresentar um teor de intimidação, de constrangimento, de difamação e ataques a familiares, como é o caso das atletas olímpicas brasileiras Joanna Maranhão e Rafaela Silva que sofreram este tipo de violência.

Em entrevista para um canal esportivo chamado SporTV (2016) a judoca, Rafaela Silva, comemora a medalha de ouro ganha nas olimpíadas de 2016 e lembra da superação que ela teve de passar para chegar até ali, recordando que sofreu diversos ataques quando foi eliminada nos jogos de Londres, em 2012, sendo chamada de vergonha da família, sofrendo diversos atos racistas e discriminatórios. Tudo isso lhe causou um mal tão grande que ela pensou em desistir de tudo, mas conta que deu a volta por cima e hoje é uma campeã olímpica, segue seu relato:

Eu treinei muito, não queria mais aquele sofrimento de Londres. Depois da minha derrota, muita gente me criticou, disse que judô não era para mim e que eu era uma vergonha para a minha família. Agora eu sou campeã olímpica dentro da minha casa (...). Eu treinei muito para estar aqui, muito para buscar a minha medalha. E o resultado, graças a Deus, veio (SPORTV, 2016, Online).

O caso da nadadora Joanna Maranhão foi bem parecido, após a atleta ter sido eliminada na fase classificatória dos jogos olímpicos de 2016, sofreu diversos ataques em suas redes sociais, ataques preconceituosos, xingamentos buscando gerar danos à imagem da atleta (foi chamada de fracassada e perdedora), sofreu até ataques ainda mais ofensivos desejando que a atleta fosse estuprada, lembrando o fato de que sofreu diversos abusos sexuais quando criança. Marques, Gismondi e Carneiro (2016) relatam que a atleta desabafou, chorou, mas se manteve firme, que ficou espantada com os comentários recebidos e que teve dificuldades para dormir, porém, segundo ela, isso não afetou em seu rendimento. Joanna deu uma entrevista onde externou todas suas angústias um dia após ser alvo de diversas críticas nas redes sociais:

Eu queria falar em nome de todo mundo. Eu lembro quando a Rafaela pegou na perna (citando o erro da Judoca que a eliminou nos jogos de Londres em 2012), há quatro anos, em Londres, e a galera esculachou com ela. Macaca, não sei o quê...Quatro anos agora e a Rafaela se torna heroína. Mas a Rafaela já era heroína. Desde o momento em que ela pegou a oportunidade de fazer judô. Do jeito dela, daquele jeito que ela diz que é. Eu não subi no bloco para piorar meu tempo (...) o Brasil não ficou em quinto porque fez corpo mole. A gente dá duro todo dia. Vocês sabem disso, mas o Brasil é um país machista, um país racista, um país homofóbico, um país xenofóbico. Não estou generalizando, mas essas pessoas existem, infelizmente. E aí, quando elas estão atrás de um computador, elas se acham no direito de fazer essas coisas. Todo mundo tem direito de discordar de meus posicionamentos políticos que são da minoria. Eu não faço parte da maioria. Mas a minha formação, a minha história, fez com que sentisse uma necessidade de me posicionar politicamente. E eu não vou parar (MARQUES; GISMONDI; CARNEIRO, 2016, Online).

Quando perguntada se os ataques sofridos na internet influenciaram em seu resultado, Joanna responde:

Não acho que tenha refletido na prova. Eu nadei mal e ponto final. A culpa é minha. Eu travei no final. A culpa é 100% minha. Não estou usando isso para justificar, de jeito nenhum. Mas desejar que eu seja estuprada, desejar que minha mãe morra, comemorar porque eu não peguei uma final por cinco centésimos, eu acho isso uma covardia, uma falta de caráter. Isso não se faz com ninguém. Todo mundo já passou por alguma decepção na vida. Eu já ganhei por cinco centésimos, já perdi por cinco centésimos. Eu já pensei em tirar minha própria vida. Eu lutei pra caramba (choro). Eu conquistei quatro vezes o índice olímpico para estar aqui. Eu sou a melhor atleta do medley do Brasil desde os 14 anos de idade. Eu não preciso que isso tenha valor para os outros. Eu preciso que tenha valor para mim. Pra mim tem valor. Eu me orgulho muito da minha trajetória, da minha história. Não é que esse tipo de mensagem vai me fazer parar de nadar ou desistir. Mas machuca, dói (MARQUES; GISMONDI; CARNEIRO, 2016, Online).

O terceiro caso, também é bem trágico, exemplificando o extremo das consequências que o bullying pode causar. O recente caso da tragédia ocorrida em Suzano em 2019, dois ex-alunos de uma escola a adentraram e cometeram sete homicídios, deixaram onze pessoas feridas e ao final se suicidaram. Segundo Vargas (2020) os idealizadores do atentado se inspiraram no famoso massacre na escola de Columbine, em 1999, em que dois alunos assassinaram treze pessoas e feriram vinte e quatro.

O motivo dos assassinos, assim como no massacre de Columbine, pode ter sido vingança a atos de bullying sofridos durante o período em que eles estudaram na escola, pretendendo superar o massacre de Columbine em número de vítimas e armas, acreditando que faziam um ato heroico.

Os assassinos buscaram ajuda para realizar o atentado em fóruns da deep web, como diz Vargas (2020). Em um desses fóruns, um dos assassinos, dias antes do massacre, agradece as dicas recebidas com a seguinte frase “Nascemos falhos, mas partiremos como heróis”. Essa ideia de heroísmo pode vir do fato dos assassinos estarem convictos que estão fazendo algum bem para a sociedade ao assassinar aqueles que podem estar cometendo atos de bullying na escola. Como relata Chacra (2011), que os alvos de Columbine foram principalmente os “vencedores”, visto que na cultura norte americana, muitas vezes, os alunos são estereotipados como vencedores e perdedores. Os perdedores são aqueles que não se encaixam em nenhum grupo e são alvos de gozações e exclusões, constantemente; os vencedores, normalmente, são os atletas, as líderes de torcida, aqueles que têm uma certa influência sobre determinado grupo. No massacre de columbine, os assassinos buscaram assassinar, principalmente, aqueles que tinham um boné branco que era usado somente pelos atletas da escola.

Com esses exemplos, pode-se observar diferentes atos de bullying em contextos distintos, do caso de Diego Hypolito que sofria opressão de seus colegas de equipe e treinadores durante os treinos; do caso da Joanna Maranhão e Rafaela Silva que sofreram diversos cruéis ataques virtuais, que as abalaram, fazendo com que Rafaela considerasse até desistir do esporte e, por último, um caso extremo em que houve assassinatos em um ciclo vicioso de violência que o bullying pode trazer.

Sabendo desses diferentes contextos em que o fenômeno do bullying pode ocorrer e trazer diversos prejuízos, nos próximos tópicos será abordado mais este fenômeno voltado para o contexto esportivo, por conta da importância de se analisar o bullying em diferentes contextos e, sendo o âmbito esportivo um pouco explorado perante este fenômeno, é necessário maior compreensão acerca do mesmo.

6.2 Como se desenvolve o bullying no esporte.

O primeiro contato da maioria das pessoas com o esporte através é dado por meio das aulas de educação física nas escolas, por isso, é de grande importância a

atuação do profissional de educação física nesse contexto. Caso feito da maneira errada, pode-se causar repulsa às aulas e ao interesse de alguma prática esportiva, podendo ser um ambiente propício para a prática do bullying.

Leite (2011) fala que a educação física era pautada num modelo reducionista onde a aptidão física, o corpo e o desempenho eram os mais importantes nas aulas e a prática esportiva beneficiava, justamente, aqueles que tinham um bom desempenho e possuíam bem desenvolvidas as aptidões físicas para desempenhar bem as modalidades, apresentando fatores como velocidade, força e resistência.

Assim sendo, esse modelo de aula contribuía para a segregação e exclusão daqueles que eram menos aptos, ou seja, a aula de educação física não era para todos, sendo algo exclusivo, contribuindo ainda mais para o aparecimento de “grupinhos” dos melhores da turma que zombam daqueles alunos que não realizam as atividades tão bem quanto eles e discriminam os inaptos. Assim, podendo causar, como anteriormente comentado, a repulsa pela atividade nesses alunos negativamente afetados pelas aulas.

As aulas de educação física também são vistas, muitas vezes, como um momento de lazer e descontração, com atividades recreativas e agradáveis, porém nas aulas de educação física podem aparecer momentos em que há competições, podendo gerar um clima de alta tensão entre os alunos, podendo ocorrer algumas situações desagradáveis como zoações, brincadeiras violentas, apelidos que no momento da prática pode-se parecer inocente e “normal”, porém aí que mora um grande perigo, um professor despreparado para essas situações aliado com o fato de algum aluno menos habilidoso sendo foco dessas “brincadeiras”, com o tempo, pode-se trazer sérios problemas para esse aluno.

Os professores têm que ter uma série de cautela para não passar a ser o agressor, aquele que pratica o bullying com seus alunos. Recentemente, foi noticiado para o Brasil inteiro a história de um treinador de futebol que desferiu ofensas de cunho racistas para um garoto de 11 anos do time adversário, na notícia postada por Santana (2020) o menino, chorando, relata em vídeo as ofensas que sofreu: “Ele falava assim toda hora: ‘Fecha o preto, fecha o preto, fecha o preto aí’. Eu guardei para falar no final. Ele falou um monte de vezes” (SANTANA, 2020, Online).

O caso relatado não pode ser considerado um ato de bullying e sim de injúria racial por não ser um ato recorrente, porém exemplifica o cuidado que os

treinadores/professores têm que ter com os seus atos, já que são exemplos para seus alunos, um aluno que olha o seu professor tendo uma atitude como essa, achará normal também fazê-la. Se um professor se torna um autor de bullying, pode ser um estímulo para que aqueles alunos mais agressivos, violentos, maldosos e gozadores se tornem também autores e tomem como alvo a mesma vítima do professor.

Para que os professores não se convertam em autores de bullying, Leite (2011) informa que o mesmo deve-se atentar em algumas situações como a maneira correta de fazer as correções pedagógicas, evitando assim humilhar ou julgar alunos; não desdenhar do desempenho dos alunos; não mostrar favoritismo por alguns alunos e desapego por outros; não colocar apelidos pejorativos em seus alunos, fazer alguma ameaça ou incentivar comparações entre eles, assim como qualquer outra atitude inadequada.

Um dos principais combustíveis para a prática do bullying durante as aulas de educação física é o alto teor de competitividade presente em algumas aulas, principalmente quando há uma prática esportiva. A competição é uma maneira fácil e prática de estimular os alunos a desempenharem sempre o seu melhor, até mesmo nas atividades consideradas mais “chatas” por alguns indivíduos. Se houver um pouco de competição nela, os alunos podem aderir a prática e tentar vencer a qualquer custo. Contudo, isso pode ser um risco, pois quando há competição realizada e orientada de forma inadequada, haverá um vencedor e um perdedor, onde aqueles que perderam se encontrarão frágeis psicologicamente, demonstrando, muitas vezes, um ar de frustração e insatisfação.

Para Leite (2011) a competição traz diversas implicações, podendo tornar os alunos mais individualistas; pode fazer com que eles pensem que o fim justifica os meios, ou seja, que o importante é ganhar a qualquer custo; tornam os alunos menos cooperativos; causa um desinteresse por aquelas atividade que não são competitivas; aumenta a probabilidade de conflitos; traz uma falta de vínculos com o próximo, fazendo distorcer as interações, vendo sempre o próximo como um adversário a ser superado; aumenta o ego daquele que vencem e acaba com a auto estima daqueles que perdem.

A competição é um grande estimulante para o desenvolvimento de adversidades, coloca sempre os alunos em situações estressantes e de alta tensão, sendo pior ainda para aqueles alunos que tem uma baixa autoestima, fazendo com

que esses tentem se autoafirmar durante uma prática competitiva, caso venha uma derrota esses alunos podem ter desequilíbrios psicológicos ao se confirmarem perdedores, se tornando assim alvos fáceis para os agressores, fazendo com que aumente ainda mais a carga emocional negativa despejada sobre este aluno.

A sociedade como um todo vem de uma cultura machista, onde os estereótipos sexuais prevalecem por toda a infância com frases do tipo “menino não chora”, “meninas são mais delicadas”, “isso é brincadeira de menino”, “menino brinca de boneco e menina de boneca”. Isso tudo faz com que se perpetue ainda mais o machismo em nossa sociedade, fazendo com que cada gênero tenha seu estereótipo. Por exemplo, culturalmente o homem é estereotipado como forte, corajoso, frio, insensível e as mulheres mais frágeis, delicadas, emotivas. Esses estereótipos de gênero acabam chegando também nas aulas de Educação física causando vários conflitos de gênero.

É natural que se pense que os meninos se desenvolvem melhor motoramente que as meninas, porém este não é um fato genético e sim causa do ambiente que os meninos e meninas crescem em sua infância, muito influenciado pelo estereótipo de gênero que existe engessado em nossa sociedade. Desde o início da infância, meninos são estimulados a jogar bola, brincar na rua, praticar esportes em geral; já as meninas são incentivadas a terem brincadeiras mais calmas, sem muito alvoroço e sem exigir muito do seu repertório motor, fazendo assim que este não se desenvolva, ao contrário do que acontece com os meninos. Vale ressaltar que isso não é uma regra, mas algo que acontece na sociedade devido a cultura.

Durante as aulas de educação física ou durante uma prática esportiva, é requerido a utilização de vários repertórios motores como saltar, arremessar, saltar, correr, chutar, rebater, entre outros. Assim é possível atentar-se a distinção entre meninas e meninos de executar determinadas atividades, fazendo com que os meninos tenham um ar de superioridade em relação as meninas, pode-se observar alguns conflitos em que meninas podem se sentir inferiorizadas e incapazes de realizar algumas ações, podendo ocasionar até em desistência e repulsa de alguma prática. Isso ocorre, também, pela falta de preparo do profissional que atua orientando tais práticas ou aulas.

Ainda sobre este fato, os conflitos podem acontecer dentro do mesmo gênero, visto o fato de que algum menino, por exemplo, não jogue futebol tão bem quanto seus colegas de turma. Este menino, então, pode passar a ser comparado com uma

menina, podendo receber ofensas do tipo “*mulherzinha*”, “*bichinha*”, entre outras que o questionam sobre o seu gênero já que ele não apresenta os “estereótipos masculinos” impostos pela própria cultura da sociedade (machista). Isso, também, acontece em relação as meninas, possuindo sua sexualidade questionada caso ela apresente algum estereótipo que não seja a do seu gênero, como o fato da mesma gostar de jogar futebol. Saffioti (1987, p. 37) já dizia “Mulher despachada corre risco de ser tomada como mulher-macho”. Atualmente, a luta existente pela igualdade de gênero vem ganhando destaque e quebrando alguns padrões e estereótipos definidos pela sociedade, minimizando alguns desses comportamentos, mas ainda é uma luta muito grande para que a igualdade seja alcançada.

Os conflitos citados anteriormente, podem ser definidos como bullying, sendo praticado por conta dessa estereotipação de gênero que se tem presente na sociedade, em que um aluno, por não se encaixar muito bem em determinados estereótipos, pode sofrer exclusão, difamação e ofensas, regularmente, por ser e se sentir “diferente”.

Além das quadras escolares, o bullying também se faz presente nos esportes extra escolares englobando todos os níveis (amador, iniciação e alto rendimento), principalmente aqueles que são coletivos como o futebol, um dos esportes mais famosos e praticados no mundo.

Em esportes coletivos os atletas de um mesmo time estão sempre juntos no dia a dia, para que não ocorra nenhum conflito que possa vir prejudicar o time é de suma importância os atletas serem unidos para que o ambiente seja confortável e todos desempenhem bem todas as funções. Contudo há diversos fatores que serão melhor abordados adiante que podem causar uma grande perturbação no ambiente dos atletas, ocasionando o bullying esportivo. Fatores esses, como as brincadeiras que ocorrem entre o grupo, o fator da torcida, o fator do adversário, o fator da influência da mídia e o fator das diferenças dentro de um mesmo grupo.

Dentro de um grupo de atletas, há uma grande pluralidade de pessoas com gostos, jeitos, criações e características físicas diferentes, isso aliado com o fato de os atletas conviverem muito tempo reunidos, colaborando para que haja muitas divergências entre eles, no caso do alto nível eles permanecem até 24 horas juntos em época de competições, o que agrava ainda mais a situação. Essas divergências podem vir em tons de brincadeiras negativas, de apelidos, ofensas e até agressões físicas.

É fato que em um grupo de atletas acontecem muitas brincadeiras que, na maioria das vezes, tem o seu lado benéfico por unir ainda mais o grupo e deixa-lo mais entrosado, porém essas brincadeiras podem passar do limite. Quando estas passam a ter um teor agressivo e ofensivo visando um indivíduo, o mesmo pode se sentir ofendido ou ridicularizado e, se esta brincadeira for frequente, ela se caracteriza como bullying. Outro caso bastante evidente no meio dos atletas é a designação de algum apelido, porém, muitas vezes, este apelido não é do agrado do indivíduo que o recebeu, que fica com receio de reclamar e essa alcunha pegar ainda mais. Se o indivíduo não se sente bem com o nome imposto por seus colegas e, mesmo assim, ele é usado com um tom de ofensa, esta ação também é caracterizada como bullying.

Outro fato causador de atritos dentro de um time é a diferença de habilidades entre seus atletas. Morão et al. (2014) colocam que essas diferenças fazem com que surjam pequenos grupos, dentro destes grupos estão aqueles atletas que são considerados destaques e os mais influentes do time, no futebol esses grupos são chamados de “panelinhas”, uma vez que essas “panelinhas” são criadas elas podem acarretar em agressões e exclusões de atletas que não pertencem a ela, possibilitando o aparecimento do bullying.

Um fator externo que pode prejudicar um atleta e ser um dos responsáveis pelo bullying esportivo é o fator da mídia. Jornais, sites e canais esportivos têm que ter muita responsabilidade e tomar sérios cuidados quando for expor ou tecer alguma crítica a algum atleta. Caso o conteúdo publicado seja em tom jocoso e ofensivo, pode afetar negativamente o atleta, além de inflar a torcida, proporcionando combustível para que o mesmo seja alvo de ataques da própria torcida. No entanto, talvez a mídia queira isso, pois o papel dela é possuir acesso ao que publica, ao que compartilha, veiculando informações sem, muitas vezes, pensar no dano que pode gerar a pessoa que está sendo exposta (CHARAUDEAU, 2009).

“A mídia é formadora de opiniões e pode influenciar diretamente no pensamento dos espectadores, que também são torcedores, possibilitando casos de bullying contra atletas, sem que seja algo sem grande evidência.” (MORÃO et al., 2014, p. 88)

Sendo a torcida uma grande fomentadora do bullying direcionado aos atletas, como vimos nos casos de Joanna Maranhão e de Rafaella Silva. Na maioria das vezes, a torcida age com emoção e não com a razão, podendo agir de maneiras

irracionais quando se deparam com alguma frustração. Nesses casos, os torcedores querem achar culpados para direcionar toda a sua ira por conta de uma derrota, como é no caso do futebol onde a torcida foca a sua raiva somente em um jogador, desferindo diversos ataques nos estádios, nas redes sociais virtuais e nas ruas, apresentando ataques, muitas vezes, que ferem a imagem da vítima, xingamentos a familiares que não tem nada a ver com o assunto e podem até agredir os atletas. Como no recente caso noticiado pelo G1 SP (2021) em que torcedores emboscaram e apedrejaram o ônibus do time de futebol São Paulo F.C. e diversos outros casos como também noticiado pelo Istoé (2020) em que jogadores da Ponte Preta foram agredidos:

A ação foi promovida por cerca de 30 torcedores que agrediram os jogadores na saída do estádio Moisés Lucarelli. O ônibus oficial do clube acabou apedrejado (...) O estranho é que os principais alvos foram os destaques do elenco: o goleiro Ivan, chamado de “mercenário” porque estaria sendo negociado, além dos meias João Paulo e Camilo (...) Tudo isso deixou os jogadores abalados e muitos deles manifestaram o desejo de sair da Ponte. (ISTOÉ, 2020, Online).

Também é importante salientar a postura dos treinadores, para que estes não virem agressores ou proporcionem situações favoráveis para o surgimento do bullying. O treinador, assim como o professor de educação física, já citado anteriormente, precisa se atentar a suas atitudes perante aos atletas, principalmente na forma de cobrar alguma melhoria ou criticar algum erro. Foi visto como exemplo o caso do atleta Diego Hypolito em que era maltratado por seus treinadores por conta de erros.

Recentemente, um caso gerou certo alvoroço na mídia, a atitude do ex técnico de futebol do São Paulo, Fernando Diniz. O técnico ofendeu seu jogador com duras palavras durante uma partida, o jogador questionou se não podia falar com o técnico e Diniz o respondeu de forma ríspida com as seguintes palavras, “Não pode mesmo! Tem que jogar, ca*****! Seu ingrato do ca*****! Seu perninha do ca*****! Mascaradinho! Vai se f*****!” (TRINDADE; GUEDES, 2021, Online).

O ocorrido pode ter refletido na atuação do time no jogo em que aconteceu a situação (o jogador foi expulso minutos após o ocorrido e o time sofreu uma goleada de 4 a 2) e, também, no resto da competição, pois antes desta partida em questão o time liderava o campeonato, logo após engatou uma sequência de maus resultados

que culminou na demissão do técnico e na perda do título. Não se pode afirmar que este fato isolado foi responsável pela queda de atuação, porém com certeza deixou o jogador e seus companheiros constrangidos, abalando o ambiente do grupo, o que foi agravado com os péssimos resultados.

Portanto, é de grande importância que os professores, treinadores e psicólogos do esporte fiquem atentos nesses diversos fatores dissertados durante todo este tópico, pois estes podem culminar no aparecimento do fenômeno bullying e/ou cyberbullying, trazendo consigo todas as suas severas consequências.

6.3 Consequências do bullying no esporte.

O fenômeno bullying apresenta uma grande diversidade de consequências que pode lesar todos os envolvidos nesse fenômeno, porém a vítima é a que sofre mais danos. Pensando nas vítimas, as consequências sofridas podem ser de curto ou longo prazo, permeando diversos âmbitos da vida das pessoas, como o âmbito emocional, psiquiátrico, psicossomático, afetar relações interpessoais e infligir comportamentos agressivos ao longo do tempo.

Com relação às vítimas de bullying, é afirmado por Fante (2005, p. 79) que “Pode continuar a sofrer seus efeitos negativos muito além do período escolar. Pode trazer prejuízos em suas relações de trabalho, em sua futura constituição familiar e criação de filhos, além de acarretar prejuízos para a sua saúde física e mental.”

Ainda falando sobre a vítima, ao se aprofundar nos campos afetados pela influência da violência sofrida, temos que no campo emocional é comum as vítimas terem problemas de baixa autoestima, dificuldade de expressar seus sentimentos, muito medo e solidão (ALBUQUERQUE et al., 2013; BATSCHE; KNOFF, 1994; CEPEDA-CUERVO et al., 2008; LIEN et al., 2009; LOPES NETO, 2005; ORPINAS; HORNE, 2006).

No campo psicossomático é comum as vítimas apresentarem dores de cabeça, mal estar, insônia, dores musculares, dores no estômago, enurese, entre outros (ALBUQUERQUE et al, 2013; CAMPBELL, 2004; LIEN et al., 2009; ORPINAS; HORNE, 2006; ROLIM, 2008). No campo psiquiátrico as consequências se apresentam em forma de depressão, ansiedade, pensamento e tentativas suicidas (ALBUQUERQUE et al., 2013; BANDEIRA; HUTZ, 2010; BATSCHE;

KNOFF, 1994; CAMPBELL, 2004; CEPEDA-CUERVO et al., 2008; LIEN et al., 2009; ORPINAS; HORNE, 2006; WHITTED; DUPPER, 2008).

As vítimas também podem sentir-se deslocadas, sentindo-se inúteis perante a sociedade e sentir grande dificuldade de se relacionar com outras pessoas, o que caracteriza um ser antissocial (ALBUQUERQUE et al., 2013; CAMPBELL, 2004; WHITTED; DUPPER, 2008). Além disso, é capaz de manifestar atitudes agressivas ao longo do tempo, apresentando tendências homicidas e ligações a atividades ilícitas (ALBUQUERQUE et al., 2013; BATSCHE; KNOFF, 1994).

A vítima de bullying possui potencial de desenvolver traumas. Trauma é resultado de uma série de problemas no campo físico, cognitivo, comportamental e emocional, tendo uma relação direta a eventos violentos vivenciados pelo indivíduo (COHEN; MANNARINO; DEBLINGER, 2006). Muitas vezes, traumas não são superados e perduram o resto da vida do indivíduo, isso possibilita uma série de males para a vida cotidiana da vítima, afetando inconscientemente o seu comportamento, tentando sempre evitar novos traumas e não buscando uma autossuperação; afetando o seu raciocínio, sua inteligência, gerando pensamentos negativos, dificuldade de aprendizagem entre outros infortúnios (FANTE, 2005).

Além da vítima, os agressores também correm o risco de desenvolver alguns males que os prejudicam na sua vida cotidiana. Quando o agressor pratica o bullying ele tem uma sensação de que aquilo que ele está fazendo é certo e que todos os seus problemas poderão ser resolvidos com tirania e violência, esse fato pode resultar em um baixo rendimento escolar, o enaltecimento da violência para a obtenção de poder, um grande potencial de se envolver em atividades ilícitas e delituosas que podem leva-lo para o mundo do crime, além disso, a possibilidade do agressor ser ou se tornar uma pessoa violenta, faz com que ele seja um indivíduo de difícil convivência tanto na área profissional quanto na pessoal e social (FANTE, 2005). Também, segundo Eslea e Rees (2001), os agressores podem se sentir envergonhados e adquirir um sentimento de culpa pelos atos feitos no passado.

O agressor ainda pode ter consequências judiciais por seus atos, pois bullying é um crime de honra enquadrando-se em vários artigos distintos do código penal brasileiro (autor com mais de 18 anos) e do estatuto da criança e do adolescente (autor com menos de 18 anos). Artigos sobre difamação, injúria, constrangimento ilegal, ameaça, dentre outros (SOUZA, 2017).

As testemunhas também não saem ilesas, as mesmas podem se sentir constrangidas e ter um sentimento de impotência. Mesmo que indiretamente, as testemunhas sofrem um tipo de pressão psicológica, pois ficam em um impasse: ajudando a vítima de alguma forma, correm o risco de se tornar alvo das agressões; caso fiquem quietos, aquela cena de violência se repete cotidianamente em sua frente gerando uma aflição por não poderem fazer nada, somente presencia-la.

Mesmo não sofrendo nenhum tipo de violência direta, as testemunhas possuem o potencial de se sentir perturbadas com o que assistem e hesitante sobre o que fazer, podendo induzir negativamente a sua capacidade de desenvolvimento acadêmico e social (LOPES NETO; SAAVEDRA, 2003).

Olhando para as consequências do bullying mais voltadas para o campo esportivo, vemos que não podemos desconsiderar os danos já citados causados pelo bullying, pois eles estão presentes em todos os âmbitos em que o bullying está inserido. No esporte, esses danos podem levar a outras consequências como o abandono esportivo ou até a repulsa pela prática de qualquer outra atividade física levando ao sedentarismo.

Filho e Garcia (2008) em seus estudos, pesquisaram os motivos para o abandono no esporte competitivo e, dentro dos 14 principais motivos estudados, 3 podem ter uma forte ligação com a prática do bullying no ambiente esportivo, sendo a desmotivação, a falta de companheirismo e problemas com o treinador. Isso mostra que o bullying possui o potencial de causar o abandono do esporte, privando assim um atleta que poderia ser promissor, de demonstrar todo o seu talento em determinada modalidade, privando um esporte de ter um novo fenômeno ou até um país de ganhar títulos internacionais. Imaginem só se Usain Bolt tivesse desistido do esporte por conta de bullying sofrido, hoje o mundo não teria conhecimento de um dos maiores atletas de atletismo da história, ou Michael Phelps, Michael Jordan, entre outros ícones do esporte mundial.

Além do olhar voltado ao alto rendimento, como dissertado no parágrafo anterior, as consequências do bullying podem atingir também a “*Mariazinha*”, o “*Joãozinho*” que não pretendem ser um ícone do esporte, mas pretendem ter saúde e foram privados disso por conta do bullying sofrido, passando a adquirir uma repulsa pela prática esportiva ou qualquer exercício físico. Como diz Anjos e Souza (2018), o bullying sofrido pode levar a comportamentos de deserção de contextos esportivos, havendo, por exemplo, uma interrupção permanente da prática de

exercício físico e/ou esporte. Essa interrupção permanente é capaz de ser prejudicial a um indivíduo, pois o leva ao sedentarismo, cujo qual desencadeia uma série de doenças, como relata Katzmarzyk e Janssen (2004), informando que o sedentarismo está diretamente ligado a casos de osteoporose, câncer, pressão alta, infarto, diabetes tipo dois, entre outros.

Outras pesquisas também mostram que a falta de atividade física leva o indivíduo a desenvolver uma série de outros problemas como a obesidade, sarcopenia, aumento da mortalidade, depressão, mudanças repentinas de humor, entre outras coisas mais (GUALANO; TINUCCI, 2011).

Observando todas essas consequências que o fenômeno do bullying pode causar nas pessoas envolvidas, se faz muito importante combatê-lo ou minimizá-lo, visto que é um grande mal para a sociedade, prejudicando de maneira atroz a vida dos envolvidos, deixando marcas, muitas vezes, permanentes. Assim sendo, no próximo tópico serão abordadas algumas estratégias de intervenções recomendadas pela literatura, relacionadas ao fenômeno do bullying.

6.4 Estratégias de intervenções relacionadas a prática do bullying.

Como já citado anteriormente, o bullying pode ser visto em diferentes áreas, sendo mais comum o seu aparecimento na área escolar, porém ele também pode ser observado na área esportiva. Ao refletir acerca de estratégias de intervenções da prática do bullying pode-se dividir essas estratégias em três campos, sendo: intervenção no bullying escolar; no bullying praticado nas aulas de educação física escolar; no bullying praticado no esporte fora do contexto escolar.

6.4.1 Intervenção no bullying escolar.

Começando pela intervenção no bullying escolar, pois é muito importante identificar vítimas e agressores, já que muitas vezes os mesmos começam a ser moldados nas escolas, visto que nas escolas, muitas vezes, os indivíduos têm o primeiro contato com o bullying e, caso não haja uma intervenção na raiz do problema, o fenômeno pode se espalhar para outros âmbitos sociais. A literatura apresenta uma série de modelos que buscam diminuir os episódios de bullying nas escolas. No estudo de Silva et al. (2017), é feita uma revisão de literatura sobre

intervenções “antibullying” nas escolas, estudando diferentes modelos de intervenção empregados pelo mundo, das quais são destacadas as intervenções multidimensionais, intervenções envolvendo o treinamento de habilidades sociais e intervenções curriculares.

Um modelo de intervenção multidimensional é um sistema mais global e mais complexo que consiste na elaboração de regras dentro de uma sala de aula, ter aulas que abordam a temática do bullying, realização de trabalhos com os protagonistas do fenômeno, ter contato mais próximo com os pais, aumentar a vigilância nos locais mais propensos à prática do bullying, ter um trabalho cooperativo entre os pesquisadores e profissionais da escola e capacitar os professores sobre como lidar com o fenômeno dentro da escola.

O modelo que envolve o treinamento de habilidades sociais consiste em encontros que buscam desenvolver habilidades nas vítimas como a resolução de problemas, trabalhar o otimismo, a relaxação, melhora da postura e linguagem corporal, criação de amizades e maneiras de enfrentar os agressores.

Já o modelo de intervenção curricular consiste em trabalhar com todos os alunos a abordagem do assunto bullying, estimular discussões sobre o conteúdo, fazer peças de teatro sobre o tema e trabalhar com a aprendizagem de forma mais cooperativa.

Cada modelo possui sua peculiaridade e especialidade, e sua efetividade varia muito com o contexto sociocultural que ele é empregado e a idade dos alunos. Mesmo assim, o modelo que apresenta maior efetividade é o multidimensional, por ser mais complexo e abrangente contemplando todas as particularidades envolvidas nas agressões. Esse modelo aborda o contexto extra escolar, envolvendo a família no enfrentamento e prevenção do fenômeno, também sugerindo o aumento da vistoria dos profissionais das escolas frente aos locais que mais ocorrem agressões como pátios, quadras, corredores e afins (SILVA et al., 2017).

Outros modelos como o treinamento de habilidades sociais e o de intervenção curricular se mostram menos efetivos em relação ao multidimensional pelo fato de não abrangerem todos os contextos que envolvem o fenômeno do bullying, focando somente em um ou outro contexto. O treinamento de habilidades sociais atinge somente um dos protagonistas do fenômeno (vítimas, agressores ou as testemunhas), sendo considerado mais efetivo quando contempla aqueles alunos antissociais que sofrem de problemas de socialização e relacionamento pessoal.

Contudo, para os demais casos, é previsto que haja uma dificuldade de os alunos trazerem as habilidades desenvolvidas para as suas vidas cotidianas. No caso da intervenção curricular ela também não abrange todos os contextos do fenômeno e é muito mais atraente para os gestores escolares por usar menos recursos humanos e financeiros para sua execução (SILVA et al, 2017).

Alguns “programas antibullying” que abordam o modelo multidimensional se destacam, como o projeto intitulado como “KiVa” da Finlândia. No Brasil há dois projetos antibullying que se faz importante destacar, o “programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes” (LOPES NETO; SAAVEDRA, 2003) e o programa “Educar para a paz” (FANTE, 2005).

O programa antibullying “KiVa” foi desenvolvido na Universidade de Turku, Finlândia, e vem diminuindo consideravelmente os casos de bullying no país desde 2009. Um levantamento com 30 mil estudantes com idade de 7 a 15 anos detectou que o projeto eliminou o bullying em 80% das escolas e em 20% houve uma redução da prática desse fenômeno. O método, assim que detecta um caso de bullying, faz com que uma equipe especializada siga um protocolo específico e individual para com a vítima, agressor e testemunhas, também sendo feito um trabalho de prevenção e conscientização de professores e pais que, muitas vezes, por conta da cultura, levam o bullying como uma coisa natural da infância e pregam que as crianças devam resolver seus problemas entre si, o que pode ser muito prejudicial já que a vítima pode passar todo o período escolar sem amparo algum daqueles que seriam, em tese, seus responsáveis.

O diferencial do programa perante outros métodos é o seu acolhimento, não só com as vítimas, mas principalmente com as testemunhas que têm um papel crucial para a perpetuidade do fenômeno, pois são as testemunhas que acabam incentivando o comportamento dos agressores, com suas risadas, ficando em silêncio perante uma agressão, dentre outras ações. Por conta disso, é importante conscientizar as testemunhas e fazer com que elas mudem de atitude para que o agressor perca a sua plateia. O “KiVa” também atua com o componente de prevenção, onde toda a turma participa, não só aqueles que protagonizam o fenômeno. Uma ou duas vezes por mês os alunos possuem lições ou atividades sobre conceitos gerais do bullying, servindo assim para criar um ambiente mais agradável e respeitoso, onde as crianças são ensinadas a distinguir um conflito cabível de uma prática de bullying que deve ser banida (PLITT, 2017).

No Brasil um dos projetos que surgiram, entre 2002 e 2003, para a prevenção e combate do fenômeno bullying nas escolas, foi o programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes (LOPES NETO; SAAVEDRA, 2003). Na cidade do Rio Janeiro, este projeto contemplou 11 escolas que tinham como objetivo detectar casos de bullying entre alunos da 5ª a 8ª série, observando os principais indicativos do predomínio do bullying, analisando as principais ocorrências do fenômeno e os lugares mais incidentes da violência dentro da escola, também avaliavam a eficiência do sistema de proteção da escola. Assim, o projeto preconizava 3 argumentos para que um projeto de prevenção e intervenção de práticas de bullying surtam um efeito desejável, sendo esses: o bullying é um fenômeno complexo e volátil, não existindo soluções fáceis para a resolução de seus problemas, assim, cada escola precisa estabelecer suas prioridades e aprimorar estratégias próprias, para a intervenção do fenômeno; a escola precisa se atentar e tomar alguma atitude precoce a respeito do bullying, quanto antes a intervenção melhor será os resultados, a estratégia ideal é agir imediatamente após a identificação do bullying, mantendo uma atenção permanente ao caso identificado; só tem uma jeito de obter sucesso na diminuição de casos de bullying e é tendo uma cooperação entre pais, professores, alunos e gestores frente ao fenômeno (LOPES NETO; SAAVEDRA, 2003).

Também no Brasil, foi desenvolvido o programa Educar para a Paz, o projeto foi desenvolvido e implantado numa escola pública de São José do Rio Preto, o método diminuiu drasticamente a prática de bullying na escola em que foi implementada, tudo isso através de estratégias socioeducacionais e psicopedagógicas que focam na prevenção e intervenção da prática de bullying nas escolas. É um modelo muito viável, pois pode ser adaptado e implementado em outras várias escolas (FANTE, 2005).

O programa de Fante (2005) diz que, primeiro de tudo para que o projeto seja um sucesso é necessário que toda a comunidade escolar se envolva na batalha para reduzir a taxa de bullying nas escolas, já que é um fenômeno complexo e complicado de se observar, pois manifesta-se muitas vezes de maneira sutil e na surdina, adotando a lei do silêncio nas vítimas. Após isso, se faz necessário que todos os profissionais de educação tenham uma capacitação adequada, para que consigam identificar o bullying sendo praticado em sua frente e saibam agir da maneira certa. Assim, os principais objetivos do projeto são a conscientização dos

alunos a respeito do bullying, fazendo com que eles observem todas as suas consequências; desenvolver a empatia nos alunos, para que percebam os danos que o fenômeno pode causar no outro e construam atitudes para que acabar com este fenômeno; e por último desenvolver nos alunos o senso crítico, para que eles hajam de acordo com a ética, prezando sempre pelo bem-comum, desenvolvendo um ambiente de paz nas escolas.

Para que os objetivos sejam alcançados, o projeto dispõe de uma série de estratégias com princípios sobre solidariedade, tolerância, respeito e outros fatores. As estratégias buscam envolver toda a comunidade escolar (pais, professores, alunos, funcionários), como também buscam ter uma estratégia individualizada com os protagonistas do fenômeno, principalmente com as vítimas e agressores, trabalhando a autoestima das vítimas e a melhora da agressividade dos agressores. No programa, há a presença de tutores, sendo que cada tutor é responsável por uma sala ou grupo de alunos, o tutor investiga os alunos e avalia o grupo, diagnosticando possíveis problemas, supostas vítimas e agressores, assim ele consegue intervir precocemente resolvendo esses problemas e ajudando os alunos a conviverem num ambiente de paz. Destaca-se também no programa, o grupo de alunos solidários, que é um grupo de alunos que ajuda a identificar e solucionar problemas relacionados aos colegas, que podem vir a acontecer dentro e fora da sala, também ajudam os tutores na elaboração de estratégias de inclusão de alunos mais antissociais.

Como visto, essas intervenções se fazem importante no núcleo escolar para que erradiquem a ocorrência do bullying neste ambiente, desenvolvendo então mais empatia, tolerância e solidariedade nos alunos.

A violência é aprendida através de relações interpessoais, sendo possível também ensinar comportamentos não violentos fazendo com que as pessoas lidem melhor com seus sentimentos negativos e resolvam seus conflitos de maneira pacífica, assim como violência pode ser aprendida ela também pode ser desaprendida e a solidariedade e tolerância assimiladas. (FANTE, 2005).

6.4.2 Intervenção nas aulas de educação física escolar.

A presença do bullying nas aulas de educação física escolar é mais comum do que se pensa, com isso, professores precisam estar preparados para agir caso

esse mal se faça presente nas aulas e ter o conhecimento necessário para prevenir que ele aconteça.

A primeira coisa a se fazer perante um caso de bullying em uma aula de educação física é identificar a situação e perceber o envolvimento de cada aluno no problema, observando quem é o alvo, agressor e testemunha. Após identificar, uma estratégia proposta é a de desenvolver conceitos de ética e valores sociais, como por exemplo, aplicar um exercício de clarificação de valores nos alunos envolvidos, incentivando o aluno a rever seus pensamentos ou condutas. Outra estratégia interessante de usar nas aulas é a utilização de materiais impressos que debatam de forma crítica a prática do bullying, objetivando a conscientização do fenômeno e com isso a sua prevenção (BOTELHO; SOUZA, 2007).

A aula de educação física, dependendo da abordagem e da maneira que é conduzida, possui um grande potencial de gerar conflitos. Antigamente, as aulas de educação física eram baseadas num modelo militarista e higienista que tinham o intuito de produzir corpos saudáveis, fortes e prontos para qualquer luta, era uma aula muito rígida que se baseava no desempenho físico dos alunos e na procura de novos talentos esportivos. Nesse modelo de aula havia exclusão dos alunos menos habilidosos e assim facilitava o surgimento do bullying. Para isso, uma das abordagens que surgiram para combater esse modelo reducionista é a crítico superadora onde o foco é o desenvolvimento da cultura corporal do aluno, contextualizando com a realidade atual em que os alunos convivem, permitindo que o professor discuta temas como o bullying durante as aulas e, com isso, os alunos tentem superar esse problema.

Nessas aulas, o professor atua como mediador e não como um ser autoritário, fazendo com que os alunos desenvolvam autonomia em seus pensamentos, e que cheguem por si só numa resolução do problema discutido, desenvolvendo senso crítico sobre o assunto abordado. Portanto, se faz necessário utilizar essa abordagem nas aulas, como forma de prevenção e intervenção do bullying, pois com essas aulas os alunos estarão preparados para encarar criticamente uma situação que envolva bullying.

Assim sendo, o professor precisa ter um certo zelo com a forma de conduzir as suas aulas, pois a educação física é uma importante ferramenta de transmissão de valores e construção de senso crítico e não deve ser tratada de forma

reducionista onde o objetivo é somente desenvolver o aspecto físico do indivíduo. A educação física deve trabalhar o ser por completo, corpo e mente juntos.

A Educação Física no âmbito escolar deve ser entendida como uma disciplina curricular de enriquecimento cultural, fundamental à formação da cidadania dos alunos, baseada num processo de socialização de valores morais, éticos e estéticos, que consubstancia princípios humanistas e democráticos. Para isto, as estratégias de ação didático-pedagógicas devem estar voltadas para a suplantação de práticas injustas e discriminatórias. (LEITE, 2011, p. 15).

As aulas devem ser baseadas no desenvolvimento da prática social, com relações interpessoais positivas, objetivando sempre formar um cidadão que tenha solidariedade, seja cooperativo, tenha respeito, seja justo, saiba princípios de equidade e tenha respeito e tolerância as diferenças. Com isso, é importante que o professor dialogue com seus alunos, desconstruindo valores impregnados na sociedade como o machismo, a homofobia, o racismo e mostre a importância do respeito e da inclusão. Um exemplo disso é o professor dialogar com os alunos sobre o machismo e a exclusão das mulheres nos esportes e, logo após, passar uma prática mista de futsal.

Como já discutido, a competição durante as aulas também pode ser um grande potencializador de bullying, onde somente um indivíduo ou grupo sai como vencedor e os outros são perdedores, podendo trazer consequências já relatadas. Com isso, uma estratégia interessante seria a utilização de jogos cooperativos no período das aulas ou valorização de todos, questões relacionadas a instrução, feedback positivo, foco na evolução dos alunos e outras estratégias, pois a competição por si só, não é algo negativo, mas sim o modo como ela é aplicada.

“O jogo cooperativo busca aproveitar as condições, capacidades, qualidades ou habilidades de cada indivíduo, aplicá-las em um grupo e tentar atingir um objetivo comum” (AMARAL, 2004, p.13)

Em jogos cooperativos não há adversários, os alunos jogam uns com os outros com o mesmo objetivo e no final todos ganham, tendo vários benefícios para os alunos, pois pode estimular a autoestima dos alunos; desenvolver a autoconfiança, por conta de todos se sentirem incluídos dentro de um grupo sendo relevantes dentro do mesmo; aumenta as relações interpessoais dos alunos, pois se constrói um senso de unidade do grupo; ajuda também no trabalho em equipe, por

fornecer uma resolução de problemas em conjunto; podendo desenvolver um perfil de liderança em certos alunos.

É importante lembrar que, a competição não deve ser excluída das aulas, mas sim melhor trabalhada para que se evite algumas das consequências já citadas. A vida cotidiana da nossa sociedade é competitiva e é papel do professor de educação física ensinar os seus alunos a competir de forma saudável, até para que ele se prepare para a vida adulta. Logo é seu dever fazer com que seus alunos assimilem o que é uma competição para que haja respeito ao próximo, valorização da vitória do outro e aceitação da derrota, sabendo lidar com as frustrações que a competição proporciona e ensinando os alunos a evoluírem com suas derrotas e vitórias ao olharem para si próprios.

Portanto, para que haja uma prevenção da prática de bullying nas aulas de educação física escolar, o professor precisa planejar muito bem as suas aulas, de modo que diminua consideravelmente as chances de ocorrerem conflitos. O objetivo das atividades deverão ser, principalmente, a construção de comportamentos cooperativos, respeito com os demais, respeito as regras do jogo, estimular atitudes de fair play, se fazendo necessário também discutir assuntos pertinentes a sociedade atual, como bullying, machismo, racismo, entre outros, mostrando as suas consequências e formas de combater esses males em nossa sociedade.

Além disso, o professor deverá planejar as aulas com atividades inclusivas, que todos consigam participar, porém as atividades também precisam ser desafiadoras, para que os alunos não se sintam desanimados ou desestimulados por conta de uma tarefa muito fácil. Assim, o professor precisa conhecer muito bem as habilidades e capacidades de todos os alunos para desenvolver uma tarefa que abrace todos os alunos.

6.4.3 Intervenção no esporte extra escolar.

O esporte extra escolar é o esporte praticado fora do contexto escolar, sendo dividido nos níveis recreativo, amador, iniciação esportiva e de alto nível. Dentro de todos esses contextos o bullying se faz presente, sendo necessária a intervenção para que as consequências não sejam desastrosas, tendo como principais protagonistas dessa ação de intervenção os professores de educação física, treinadores e psicólogos do esporte.

Neste trabalho, as estratégias de intervenção mencionadas, serão direcionadas prioritariamente para esportes coletivos, onde pressupõem-se que haja uma maior presença do fenômeno bullying, por conta de existir uma maior taxa de relações interpessoais entre os atletas, proporcionando maiores chances de conflitos de convivência e, conseqüentemente, o bullying. Porém, intervenções em esportes individuais seguem a mesma linha de raciocínio, principalmente na abordagem do psicólogo do esporte.

Na prática esportiva em nível recreacional e, salvo alguns casos, amador, é comum que nessas práticas não tenha um acompanhamento de nenhum profissional qualificado para agir frente ao bullying que pode vir a acontecer. Nesses casos, é muito difícil que haja uma intervenção, por isso, é importante o trabalho do professor de educação física dentro das escolas, para que os alunos saiam do ambiente escolar levando os valores aprendidos para o ambiente extra escolar, valores esses que podem influenciar numa intervenção dos próprios atletas ao presenciarem uma situação de bullying.

Em uma prática orientada, comum nos níveis de alto nível e iniciação esportiva, os psicólogos do esporte e treinadores são aqueles que têm o papel de interceder e prevenir uma prática de bullying dentro do esporte.

O treinador deve sempre proporcionar um ambiente agradável no elenco, trabalhando a coesão do grupo e o trabalho em equipe, não fazer distinção entre os atletas, pois isso pode contribuir para o surgimento de “panelinhas”, sendo o papel do treinador o oposto disso, já que o mesmo precisa objetivar sempre a união do grupo para que os atletas desempenhem sempre o seu melhor, estejam sempre motivados e fazendo também com que eles se conscientizem e respeitem as diferenças presentes dentro do grupo, mostrando a importância e particularidade de cada um deles (MORÃO et al., 2014).

Assim como o professor de educação física nas escolas, o treinador também precisa conhecer bem as habilidades e capacidades de seus atletas, para elaborar um treino desafiador e ao mesmo tempo que todos consigam realizar, pois o erro ou a falha constante pode desmotivar um atleta e, até mesmo, proporcionar que ele seja vítima de bullying dentro de um grupo, perdendo toda a coesão grupal trabalhada pelo técnico. Em alguns casos, o técnico pode pensar de forma mais individualizada para agir com alguns atletas que tenham maiores dificuldades ou nível técnico inferior em relação aos outros, visando gerar melhorias e acarretando

em um nível técnico, por exemplo, semelhante aos demais do grupo. Esta atitude pode ser importante para esses atletas, por mostrar a eles que são importantes para o grupo e que o treinador se importa com os mesmos.

Algumas questões fogem da alçada do treinador, como por exemplo, questões emocionais, não possuindo qualificação suficiente para agir, sendo nesse ponto um dos momentos da entrada do papel do psicólogo do esporte.

O meio esportivo, quando no nível competitivo, pode ser muito estressante, o que possibilita a origem de diversos distúrbios nos atletas, como os causados pelo bullying. Assim, se faz importante o atleta ter um preparo mais global que não envolva somente a parte física, técnica e tática, mas também a parte psicológica. Logo, o psicólogo do esporte atua nessa preparação psicológica do atleta, enquanto o treinador cuida do resto.

Hanin (2007) diz que em toda a carreira esportiva de um atleta se faz importante o treino psicológico para que os atletas consigam enfrentar as situações estressantes que podem surgir dentro ou fora do âmbito esportivo, estando equilibrados emocionalmente.

O psicólogo do esporte procura descobrir os distúrbios emocionais que os atletas passam em suas carreiras, podendo buscar as melhores soluções para esses distúrbios que podem ser causadas por diferentes motivos, sempre em vista de manter ou evoluir o rendimento do atleta, prevenindo que o mesmo não perca seu rendimento (LAVOURA; MACHADO, 2006).

Deste modo, o psicólogo do esporte age intervindo nas situações estressantes do cotidiano de um atleta, inclusive em situações envolvendo o bullying, com técnicas de relaxamento, diálogo sobre os problemas, desenvolvendo metas de treino e jogo, desenvolvendo uma autocrítica no atleta, onde o mesmo pode se avaliar, além de outros meios que podem auxiliar no enfrentamento e resolução do problema estressante. Segundo Aroni et al. (2019), a melhor forma de enfrentar um problema é focando em sua resolução. Assim sendo, o psicólogo do esporte em sua atuação pode identificar o problema e ajudar os atletas em sua resolução, fazendo com que o atleta consiga identificar alternativas para o problema e realizar um processo de autorregulação, por exemplo.

Brandão e Machado (2008) nos fala que se faz necessário o psicólogo do esporte ter um conhecimento prévio da saúde psicológica e emocional dos atletas, sabendo lidar com as situações estressantes que giram entorno dos atletas e para

lidar com esses casos é proposto: “treinamento das habilidades mentais e plano ideal para o rendimento psicológico; o gerenciamento dos riscos; o uso adequado das informações da mídia e, intervenção em momentos decisivos” (BRANDÃO; MACHADO, 2008, p. 513).

Treinamento de habilidades mentais e plano ideal para o rendimento psicológico, se refere a trabalhar o atleta para que ele saiba lidar com a pluralidade de emoções proporcionado pelo âmbito esportivo, para que assim, ele consiga dominar e direcionar suas emoções para a resolução de problemas.

Gerenciamento de riscos, se refere ao psicólogo do esporte saber lidar com os componentes que podem contribuir para uma possível instabilidade emocional do atleta, antecipando-os para que não aconteça ou até preparando o atleta para essas situações que podem vir a acontecer, criando assim uma resistência psicológica em seus atletas.

O uso adequado das informações da mídia, atribui-se ao fato de a mídia, muitas vezes, se manifestar contra os atletas, tecendo duras críticas e proporcionando situações negativas, assim o psicólogo do esporte pode atuar como mediador dessas notícias vindas da mídia, reinterpretando a situação proposta pela mídia de maneira que ela chegue para o atleta de uma forma mais suavizada e favorável, para que o atleta digira melhor uma notícia, muitas vezes, desagradável.

A intervenção em momentos decisivos é o enfrentamento do psicólogo do esporte frente a um problema, como lesões, falta de preparo físico, problemas de relacionamento entre os atletas, uma derrota difícil de aceitar, dentre outros. Assim, o psicólogo do esporte atua socorrendo o atleta com seu plano de ação para que o problema seja resolvido de maneira adequada, no entanto, vale ressaltar que o psicólogo do esporte não atua como um “apagador de incêndio”, pois o trabalho deve ser realizado desde cedo, moldando o atleta para possuir seu aspecto psicológico cada vez mais desenvolvido e saber lidar com as diversas situações geradas pelo momento esportivo. Porém, caso uma intervenção pontual seja necessária, o psicólogo do esporte deve agir da maneira mais adequada de acordo com a situação.

Portanto, a prática esportiva é uma atividade que requer muito do preparo físico dos atletas, como também um bom preparo psicológico. Sendo uma atividade de um alto nível estressor que contribui para diversos problemas, inclusive o aparecimento do bullying em seu ambiente. Para isso, se faz muito importante a

atuação dos professores de educação física, dos treinadores e dos psicólogos do esporte, podendo esses trabalharem de forma individual ou em conjunto para combater e acabar com esse mal que aflige as práticas esportivas.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o que foi abordado durante o desenvolvimento deste trabalho, observou-se os males provenientes do bullying e como ele afeta o âmbito esportivo, apresentando uma forte ligação ao abandono da prática esportiva e a desistência na realização de qualquer outra prática de atividade física por parte dos indivíduos, levando-os, muitas vezes, ao sedentarismo ou a um estilo de vida não saudável.

Assim sendo, fica nítida a importância da atuação do professor de educação física, do treinador e do psicólogo do esporte perante o fenômeno. São eles os responsáveis por combater ou minimizar o bullying dentro da esfera esportiva. Os professores de educação física intervindo, muitas vezes, dentro das escolas, no esporte escolar, como também fora das escolas, quando assumem o papel de treinadores esportivos, esses têm a função de apresentar, ensinar e desenvolver o esporte em questão com seus atletas e passar valores que vão além do esporte, objetivando sempre formar um cidadão ético e não somente um atleta de alto nível. Já o psicólogo do esporte atua na esfera emocional do atleta, o preparando para as dificuldades que a convivência e prática esportiva pode vir trazer, fazendo com que o atleta seja forte o bastante para superar conflitos emocionais provenientes do esporte, como por exemplo, não o deixando se abalar por conta de algum ato de bullying sofrido durante um treino ou partida.

É válido ressaltar que os profissionais envolvidos na prática esportiva, seja ela em qual categoria for, devem estar atentos a possíveis casos de bullying que possam ocorrer dentro de suas equipes/turmas, buscando identificar autores e vítimas, proporcionando maior auxílio e orientação aos seus alunos e/ou atletas. Assim, é potencializada a minimização e/ou extinção de novos casos de bullying por meio da utilização de estratégias como cartilhas, campanhas de conscientização, orientações, atividades cooperativas e ensinamentos que o contexto esportivo pode proporcionar aos indivíduos. Também é possível que os profissionais anteriormente citados auxiliem na formação íntegra do cidadão, formando pessoas, focando, também, no desenvolvimento de princípios como o respeito, a ética, moral, valorização de si e do outro, além de questões de inclusão, dentre outros.

Por meio desse estudo, fica claro que o bullying é um mal que assola nossa sociedade e permeia diversos âmbitos, inclusive o esportivo, o qual foi o foco deste trabalho, sendo este muito importante para que se possa refletir e analisar sobre

este fenômeno no esporte, já que a maioria dos estudos sobre esse tema aborda o bullying dentro das escolas, pois é onde há mais evidências desse fenômeno e onde ele mais se perpetua. Contudo, se faz muito importante explorar esse fenômeno em diferentes âmbitos, é importante que haja mais estudos, principalmente voltado para o ambiente esportivo, visto que é um âmbito que tem um grande potencial de conflitos e com grande propensão de surgir bullying. Assim, estudos explorando mais essa área criaria conteúdo suficiente para dar suporte aos profissionais responsáveis por prevenir e intervir frente a esse mal, contribuindo para que esses profissionais saibam agir e lidar da maneira correta quando se encontrarem frente a um caso de bullying em suas aulas ou treinos.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, P. P.; WILLIAMS, L. C. A.; D’AFFONSECA, S. M. Efeitos tardios do Bullying e Transtorno de Estresse Pós-Traumático: uma revisão crítica. **Psicologia: teoria e crítica**, São Carlos, v. 29(1), 91-98, 2013.
- AMARAL, J. D. **Jogos cooperativos**. São Paulo: Phorte, 2004.
- ANJOS, G.; SOUZA, S.R. Algumas reflexões sobre bullying no contexto esportivo. **ABPMC Comunidade**, outubro, 2018.
- ARONI, A. L.; *et al.* Estresse da iniciação esportiva até a profissionalização: uma análise exploratória da trajetória de atletas profissionais de futebol. **Revista brasileira de futsal e futebol**, São Paulo, v.11(43), p. 263-272, 2019.
- ASSIS, J. Diego Hypolito revela que sofria bullying pesado na infância e técnicos sabiam. **Globoesporte**, São Paulo, 30 abr. 2018. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/ginastica-artistica/abuso-na-ginastica/noticia/diego-hypolito-revela-que-ele-e-outros-atletas-sofriam-bullying-pesado-e-os-tecnicos-sabiam.ghtml>. Acesso em 15 fev. 2021.
- BALLONE, G. J. Maldade da infância e adolescência: bullying. **Psicologia - conhece-te a ti mesmo**, 24 maio. 2005. Disponível em: <https://sites.google.com/site/embuscapsicologia/sociedade/maldade-da-infancia-e-adolescencia-bullying>. Acesso em: 05 jan. 2021.
- BANDEIRA, C. M.; HUTZ, C. S. As implicações do bullying na auto-estima de adolescentes. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 131-138, jan./jun. 2010.
- BATSCHE, G. M.; KNOFF, H. M. Bullies and their victims: understanding a pervasive problem in the schools. **School Psychological Review**, v.23, 165-175, 1994.
- BETTI, M.; ZULIANI, L. R. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. 2002. **Revista Mackenzie da educação física e esporte**, v. 01, n. 01, p. 73- 81, 2002.
- BOTELHO, R. G.; SOUZA, J. M. C. Bullying e Educação Física na escola: Características, casos, consequências e estratégias de intervenção. **Revista de Educação Física**, Barcelona, n. 139, p. 58-70, 2007.
- BRANDÃO, M. R. F.; MACHADO, A. A. Viajando com a equipe: o papel do psicólogo do esporte. **Motriz**, Rio Claro, v.14(4), p. 513-518, 2008.
- BRASIL. Lei Nº 13.185, de 6 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). **Diário oficial da união**, Brasília, DF 06 nov. 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm. Acesso em: 06 nov. 2020.

CAMPBELL, M. A. School victims: an analysis of 'my worst experience in school' scale. *In*: MCWILLIAM, E. S. D.; KNIGHT, J. (Eds.). **Performing Educational Research: Theories, Methods and Practices**. Australia: Post Pressed Flaxton, 2004. p. 1-27.

CEPEDA-CUERVO, E.; PACHECO-DURÁN, P. N.; GARCÍA-BARCO, L.; PIRAQUIVE-PENÁ, C. J. Acoso escolar a estudiantes de educación básica y media. **Revista de Salud. Pública**, v. 10, p. 517-528, 2008.

CHACRA, G. Alvos em Columbine foram os "vencedores". **Estadão**, São Paulo, 10 abr. 2011. Disponível em: <https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,alvos-em-columbine-foram-os-vencedores-imp-,704263>. Acesso em: 05 fev. 2021

COHEN, J. A.; MANNARINO, A. P.; DEBLINGER, E. **Treating trauma and traumatic grief in children and adolescents**. New York: The Guilford Press, 2006.
DEL PERAL, J. A. M.; NAVARRO, P. V. **Bullying, cyberbullying y sexting ¿Cómo actuar ante una situación de acoso?** Madrid: Pirámide, 2015. 141p.

ESLEA, M.; REES, J. At what age are children most likely to be bullied at school? **Aggr. Behav**, v. 27, p. 419-429, 2001

FANTE, C. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Campinas, SP: Verus Editora, 2005.

FARAH, J. C. Bullying esportivo pode ser responsável pelo sedentarismo da população. **Jornal da USP**, 2019. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/bullying-esportivo-pode-ser-responsavel-pelo-sedentarismo-da-populacao/>. Acesso em: 15 novembro 2020.

G1 SP. Ônibus do São Paulo é apedrejado por torcedores a caminho do estádio do Morumbi. **G1**, 23 jan. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/01/23/onibus-do-sao-paulo-e-apedrejado-por-torcedores-a-caminho-do-estadio-do-morumbi.ghtml>. Acesso em: 15 mar. 2021.

GUALANO, B.; TINUCCI, T. Sedentarismo, exercício físico e doenças crônicas. **Revista brasileira de educação física e esporte**, São Paulo, v.25 (esp), p.37-43, dez. 2011.

HANIN, Y.L. Emotions in Sport: Current Issues and perspectives. *In*: TENENBAUM, G.; EKLUND, R. **Handbook of Sport Psychology**. 3.ed. New York. Wiley. 2007.
HERNÁNDEZ PRADOS, M. A.; SOLANO, I. M. Cyberbullying, um problema de acoso escolar. **RIED**, v. 10, n. 1, p. 17-36, 2007.

ISTOÉ. Torcedores agridem jogadores e causam revolta na Ponte Preta. **Istoé**, 15 ago. 2020. Disponível em: <https://istoe.com.br/torcedores-agridem-jogadores-e-causam-revolta-na-ponte-preta/>. Acesso em: 15 mar. 2021.

JUVONEN, J.; GROSS, E. F. Extending the school grounds? Bullying Experiences in Cyberspace. **Journal of School Health**, v. 78(9), p. 496-505, 2008.

KATZMARZYK, P. T.; JANSSEN, I. The economic costs associated with physical inactivity and obesity in Canada: an update. **Canadian Journal of Applied Physiology**, Champaign, v.29, n.1, p.90-115, 2004.

LAVOURA, T. N.; MACHADO, A. A. Esporte de aventura de rendimento e estados emocionais: relações entre ansiedade, autoconfiança e autoeficácia. **Motriz**, Rio Claro, v.12, n.2, p.143-148, maio/agosto, 2006.

LEITE, C. H. A. **Bullying e atividade física perspectivas da psicologia do esporte**. 2011. Trabalho de conclusão de curso – Instituto de Biociências, UNESP, Rio Claro. 2011.

LIEN, L.; GREEN, K.; WELANDER-VATN, A.; BJERTNESS, E. Mental and somatic health complaints associated with school bullying between 10 e 12 grade students: results from cross sectional studies in Oslo. **Clinical Practice and Epidemiology in Mental Health**, Norway, v. 5, p. 1-8, 2009.

LOPES NETO, A. A. Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, v. 81, p. 164-172, 2005.

LOPES NETO A. A.; SAAVEDRA, L. H. **Diga não para o bullying** – programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes. Rio de Janeiro: ABRAPIA, 2003.

MARQUES, F.; GISMONDI, L.; CARNEIRO, R. Em desabafo, Joanna Maranhão chora e pede respeito aos atletas brasileiros. **Globoesporte**, Rio de Janeiro, 09 ago. 2016. Disponível em:

<http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/natacao/noticia/2016/08/em-desabafo-joanna-maranhao-chora-e-pede-respeito-aos-atletas-brasileiros.html> Acesso em: 15 fev. 2021.

MORÃO, K. G.; GONÇALVES, L. F.; BAGNI, G.; VERZANI, R. H.; MACHADO, A. A. O Bullying no ambiente esportivo: implicações para a prática. **Revista Brasileira aplicada ao esporte e à motricidade humana**, Rio Claro, v. 4, n.1, p. 86-91, outubro, 2014.

MORÃO, K. G.; VERZANI, R. H. Do Bullying ao Cyberbullying: as tecnologias como maximizadoras dos conflitos no esporte. *In*: ARONI, A. L.; MACHADO, A. A. **Novas mídias e esporte: teoria e aplicação**. Rio Claro: Novas Edições Acadêmicas, 2015. p. 02-17.

OECD. **PISA 2018 Results (Volume I): What Students Know and Can Do PISA**, OECD Publishing, Paris, 2019. <https://doi.org/10.1787/5f07c754-en>.

OLWEUS, D. **Bullying at school. What we know and what we can do**. Oxford, UK: Blackwell, 1993.

ORPINAS, P.; HORNE, A. M. Bullies and victims: a challenge for schools. *In*: J. R. LUTZKER (Ed.), **Preventing violence: research and evidence-based intervention strategies**. Washington: American Psychological Association, 2006. p. 147-165.

PAES, S. T.; MARINS, J. C. B.; ANDREAZZI, A. E. Efeitos metabólicos do exercício físico na obesidade infantil: uma visão atual. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 33(1), p. 122-129, 2015.

PLITT, L. O bem-sucedido projeto antibullying que a Finlândia está exportando à América Latina. **BBC News Brasil**, 21 maio. 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-39930242>. Acesso em: 20 fev. 2021.

ROLIM, M. Bullying: **O pesadelo da escola, um estudo de caso e notas sobre o que fazer**. 2008. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre.

SAFFIOTI, H. I. B. **O poder do macho**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 1987.

SANTANA, V. Menino diz em vídeo que foi vítima de racismo durante campeonato de futebol em Caldas Novas: 'Fecha o preto'. **G1**, 18 dez. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2020/12/18/menino-diz-que-foi-vitima-de-racismo-durante-campeonato-de-futebol-em-caldas-novas-fecha-o-preto.ghtml>. Acesso em: 15 mar. 2021.

SILVA, J. L.; *et al.* Revisão sistemática da literatura sobre intervenções antibullying em escolas. **Ciência & saúde coletiva**, Ribeirão Preto, v. 22 (7), p. 2329-2340, 2017.

SOUZA, S. O. Bullying é crime e cabe processo por dano moral. **JusBrasil**, 2017. Disponível em: <https://sergioliveiradesouza.jusbrasil.com.br/artigos/431723709/bullying-e-crime-e-cabe-processo-por-dano-moral#:~:text=Bullying%3A%20N%C3%A3o%20%C3%A9%20brincadeira%20%C3%A9,pagar%20indeniza%C3%A7%C3%A3o%20por%20danos%20morais>. Acesso em: 18 fev. 2021.

SPORTV. Rafaela Silva lembra que foi chamada de "vergonha da família" em 2012. **Sportv**, Rio de Janeiro, 08 ago. 2016. Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/programas/rio-2016/noticia/2016/08/rafael-silva-lembra-que-foi-chamada-de-vergonha-da-familia-antes-do-ouro.html>. Acesso em: 15 fev. 2021.

TRINDADE, L.; GUEDES, M. Ofensas de Diniz geram incômodo e discussão sobre limites dos técnicos. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 8 jan. 2021. Esporte. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2021/01/gritos-de-diniz-geram-incomodo-e-discussao-sobre-limites-dos-tecnicos.shtml>. Acesso em: 15 mar. 2021.

VARGAS, A. Um ano após ataque em escola em Suzano, túmulo de assassino recebe visitas de admiradores. **BBC News Brasil**, 13 mar. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51880555>. Acesso em: 05 fev. 2021.

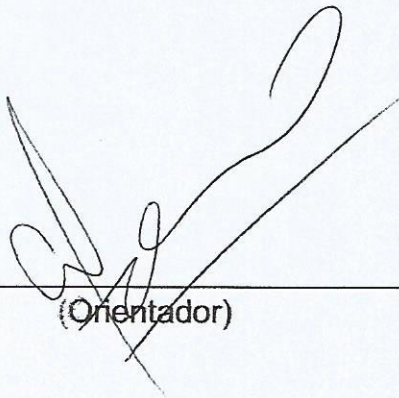
WHITTED, K. S.; DUPPER, D. R. Do teachers bully students? Findings from a survey of students in an alternative education setting. **Education and Urban Society**, v. 40, p. 329-341, 2008.

Layan AP Giron

(Discente)



(Coorientador)



(Orientador)